

ENSAIO

Luiz Francisco Rebello

O PALCO VIRTUAL

EDIÇÕES
ASA

O PALCO VIRTUAL

© 2003, Luiz Francisco Rebello

Capa e Direcção Gráfica

Armando Alves

Composição

Ana Ferreira

Impressão e Acabamentos

GRAFIASA, S.A.

1ª edição: Setembro de 2004

Depósito legal n.º 192 909/03

ISBN 972-41-3336-2

Reservados todos os direitos

ASA Editores, S.A.

SEDE

Av. da Boavista, 3265 – Sala 4.1

Telef.: 22 6166030 • Fax: 22 6155346

Apartado 1035 / 4101-001 PORTO

PORTUGAL

E-mail: edicoes@asa.pt

Internet: www.asa.pt

DELEGAÇÃO EM LISBOA

Horta dos Bacelos, Lote 1

Telef.: 21 9533800/09/90/99

Fax: 21 9568051

2695-390 SANTA IRIA DA AZÓIA
PORTUGAL

Índice

7 Prefácio

Tempos e lugares

25 Uma leitura plural de

ENSAIO

Luiz Francisco Rebello

O PALCO VIRTUAL

42 A sua parábola na obra de Aquilino

43 Encontros de Ferreira de Castro com o Teatro

47 Mário, a "presença" e o Teatro

54 Teoria e prática do Teatro

69 O Teatro na obra de

74 Evocação de Alves Redol, Dramaturgo

76 Uma tragédia sobreposta (*O Indesejado*, de Jorge de Sena)

80 O "velo estrutural" de Carlos Wallenstein

84 David, Autor dramático

88 Jogos de Tempos

91 Saramago: Teatro, Tempo e História

100 Alegoria, Mistério, Melodrama e Tragicomédia: o Teatro de
Cláudio

104 Tempo de novela e tempo de teatro na obra de Urbano Tavares

107 40 + 4, Soma e Segue

110 Uma história que parece de cordel (mas não é)

112 O Jogo do Teatro e da Vida

Tempos, lugares e modos da representação

117 A tragédia em Portugal antes do Fim (1820-1826)

132 Da Arcádia ao advento do Romantismo

137 Do Romantismo ao Simbolismo

145 Vestígios do Expressionismo

154 Statealismo (ou não) no Teatro

160 Para a História do Teatro

EDICÕES
ASA

Índice

9 Prólogo

Textos e autores

- 15 Uma leitura plural do *Frei Luís de Sousa*
- 25 Drama, comédia e farsa no Teatro de Camilo
- 40 Um parêntesis na obra de Jaime Cortesão
- 45 Uma clarabóia na obra de Aquilino
- 53 Encontros de Ferreira de Castro com o Teatro
- 57 Régio, a “presença” e o Teatro
- 61 Teoria e *praxis* do Teatro em José Régio
- 68 O Teatro na obra de Torga
- 74 Evocação de Alves Redol, Dramaturgo
- 76 Uma tragédia sobreposta (*O Indesejado*, de Jorge de Sena)
- 80 O “veio estrutural” de Carlos Wallenstein
- 84 David, Autor dramático
- 88 Jogos de Tempos
- 91 Saramago: Teatro, Tempo e História
- 100 Alegoria, Mistério, Melodrama e Tragicomédia: o Teatro de Mário Cláudio
- 104 Tempo de novela e tempo de teatro na obra de Urbano Tavares Rodrigues
- 107 40 + 4, Soma e Segue
- 110 Uma história que parece de cordel (mas não é)
- 112 O Jogo do Teatro e da Vida

Tempos, lugares e modos da representação

- 117 A tragédia em Portugal antes do *Frei Luís de Sousa*
- 132 Da Arcádia ao advento do Romantismo
- 137 Do Romantismo ao Simbolismo
- 145 Vestígios do Expressionismo na Dramaturgia Portuguesa
- 154 Surrealismo (ou não) no Teatro Português
- 160 Para a História do Estúdio de Salitre

- 170 Panorama de (mais ou menos) um Século
 170 I – 1900-1940
 182 II – Os Anos 40
 206 III – Os Anos 50
 217 IV – 20 Anos de Dramaturgia Portuguesa (1974-1994)
 221 Sobre espaços teatrais

Evocações Breves

- 227 Na morte de Eduardo Scarlatti
 229 Da modelar infidelidade aos modelos
 232 Quatro actores: Alves da Cunha, António Silva, Erico Braga, Mário Viegas

Final Jocosos

- 249 Um Congresso que dançava

UMA TRAGÉDIA SOBREPOSTA (O INDESEJADO, DE JORGE DE SENA)*

Fiz as contas. Das vinte comunicações anunciadas para este Colóquio, apenas duas têm por objecto a intervenção de Jorge de Sena no universo dramático. O que corresponde a uma percentagem de 10%. É pouco. Ainda que os dois volumes de teatro que em vida publicou representem – quantitativamente – menos do que isso em relação ao conjunto da sua obra.

É pouco, mas já foi pior. Em 1984 a Imprensa Nacional editou um volume em que reuniu vários estudos sobre Jorge de Sena. Abstraindo dos textos sobre “o escritor em geral” (em que aliás o autor de teatro quase nunca é mencionado), vinte e dois referiam-se ao poeta, oito ao ficcionista, sete ao ensaísta e crítico, quatro ao tradutor, e um – repito e sublinho: *um* – ao dramaturgo. Aqui, a percentagem era de 2,38%. Em 14 anos, o teatro ganhou alguns pontos, como se vê. Mas continua a ocupar um espaço largamente minoritário no conjunto da bibliografia passiva seniana. Espaço agora ampliado com a publicação do livro de Eugénia Vasques *Jorge de Sena – Uma ideia de teatro*.

De onde vem este alheamento, esta indiferença, sinto-me tentado a dizer: este desprezo pelo teatro, ou pela literatura dramática, que é mais e menos do que o teatro – mais porque subsiste para além da efemeridade do acto teatral, menos porque este não se esgota nela? Do reconhecimento de uma incapacidade congénita dos portugueses para esta forma de expressão, como alguns espíritos superiores (Eça de Queiroz, por exemplo) entendem? De o drama se confinar, numa literatura que se ufana de nomes da estatura de Camões, Garrett, Camilo, Raul Brandão, Pascoaes, Pessoa, Régio, Saramago, e obviamente Jorge de Sena, a um discreto lugar secundário? Mas, se repararmos bem, *todos*, sem excepção nenhuma, todos os autores que citei recorreram à linguagem dramática para nos comunicar as ficções que imaginaram; e alguns deles foi mesmo através dela que melhor deixaram dito o que tinham a dizer.

Muito precisamente, é esse o caso de Jorge de Sena, de quem sua mulher nos informa – mas isto só vem confirmar o que já sabíamos – que “escrever para o palco (com ele ou sem ele) foi um dos (seus) grandes impulsos, e que esse desejo de criação, substanciado ao longo de praticamente

* Texto lido no colóquio “Jorge de Sena – Vinte Anos Depois”, em 20 de Outubro de 1998, e publicado nas respectivas Actas, Edições Cosmos/Câmara Municipal de Lisboa, 2001.

toda a vida, pode ser verificado”. Pode, de facto, e com exuberância, não só através das peças que escreveu ou que traduziu, mas ainda indirectamente através dos numerosos textos que ao teatro dedicou, quer se trate de recensões críticas a espectáculos levados à cena ou a livros publicados, quer de reflexões, por vezes inseridas em artigos de crítica imediata, sobre questões de estética e sociologia teatral. O que prova o acerto de uma afirmação do próprio Sena quando, ao publicarem-se em 1974 as suas peças em um acto, se referia ao “apaixonado por teatro que era e sou”, e a ser o teatro “uma das linhas principais de uma vida dedicada à criação literária”.

Paixão que o acompanhou desde o termo da adolescência: a sua primeira tentativa teatral de que há notícia remonta a 1938, um ano após os primeiros vestígios do seu labor poético, e é contemporânea dos primeiros esboços de ficção. Daí em diante, os três registos irão coexistir, com predomínio, é certo, para a poesia, e, sem embargo, de períodos de maior intensidade produtiva para um ou outro deles. Assim, no que ao teatro diz respeito, eu creio que é possível distinguir três períodos, ultrapassada que foi a fase da juventude, de que nos dão constância uma comédia num acto, *Luto*, e um “drama ou tragédia” que teria três actos, um prólogo e um epílogo, *Origem*, mas que não chegou a terminar. O primeiro desses três períodos, cada um dos quais corresponde à sua permanência em Portugal, no Brasil e nos Estados Unidos, vai de 1944 a 1959, e é preenchido pela escrita da tragédia histórica em verso *O Indesejado*, subtitulada *António, Rei*, das farsas *Amparo de Mãe* e *Ulisseia Adúltera* e de um projecto inconcluso, *O Arcanjo e as Abóboras* de que apenas existe a lista das *dramatis personae* e as réplicas iniciais. É durante este período que Sena inicia, na “Seara Nova”, a sua fecunda – e fecundante, pelos múltiplos ensinamentos que dela se desprendem – actividade de crítico da actividade teatral lisboeta, interrompida em 1952 por um daqueles incidentes resultantes de compadrios e compromissos político-literários em que a sociedade portuguesa sempre foi tão fértil, mas com os quais um espírito superior e independente como o seu não podia pactuar. Isto o terá levado a proclamar-se “desanimado do teatro, já que, não tendo sido nunca um escritor para a gaveta, menos me sentia um autor teatral para publicar em livro”.

Mas voltaria a escrever para ele, na sequência de um episódio regresso à crítica imediata (na “Gazeta Musical e de Todas as Artes”, em 1957 e 59), com duas outras farsas, escritas já no Brasil, *A Morte do Papa* e *O Império do Oriente*, ambas de 1964, ano em que também projectou uma “opereta dramática”, *A Demolição*; e sete anos depois, nos Estados Unidos, sem dúvida reminiscente dos *happenings* do Living Theatre, aquilo a que chamou duas “fantasias mitológicas”, *O Banquete de Diónisos*